

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
CAMPUS CATALÃO

ROGELINA FERREIRA MACHADO

A IRONIA NAS CANÇÕES DE ZECA BALEIRO

CATALÃO / GO

2010

ROGELINA FERREIRA MACHADO

A IRONIA NAS CANÇÕES DE ZECA BALEIRO

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Letras –
Leitura e Ensino da Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão,
para obtenção do título de Especialista em Letras – Leitura e Ensino.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Fernandes Júnior

CATALÃO / GO

2010

ROGELINA FERREIRA MACHADO

A IRONIA NAS CANÇÕES DE ZECA BALEIRO

Esta monografia foi submetida a Exame de Qualificação como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Especialista em Letras – Leitura e Ensino, Curso oferecido pela Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão, aprovada em _____ de _____ de _____, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Antônio Fernandes Júnior – UFG
Orientador

Prof^a. Dr. Maria Imaculada Cavalcante - UFG

Prof^a. Ms. Jaqueline Alves Fernandes - UEG

A meu pai Nicodemus Ferreira das Neves (in memoriam), e a minha mãe Maria Aparecida Machado, que me deram a vida e me instruíram no caminho dos estudos, e ao Erick Marcus pela colaboração e incentivo na conclusão deste curso de pós-graduação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me concedeu inteligência, capacidade física e econômica para concluir meu curso de graduação e de pós-graduação.

A cada professor e professora de graduação e pós-graduação, os quais transmitiram, com muita ética e com o poder da sabedoria, os seus vastos conhecimentos.

Ao professor de graduação, pós-graduação e orientador desta monografia, Dr. Antônio Fernandes Júnior, a paciência, por cada orientação enriquecedora e, também, por emprestar os seus livros.

À professora da graduação e da pós-graduação, Dr. Maria Imaculada Cavalcante, os seus livros que me foram emprestados e que muito contribuíram para a escrita desta monografia.

Às professoras Lidiane Alves do Nascimento e Maria Aparecida Conti, a generosidade de analisar a construção deste texto quando do Exame de Qualificação.

Às professoras Dr. Maria Imaculada Cavalcante e Ms. Jaqueline Alves Fernandes, a participação da banca de defesa desta monografia.

Aos colegas e amigos da graduação e da pós-graduação, cada momento vivido durante este tempo de estudos, momentos estes que ficarão guardados para sempre no meu coração.

A todos os profissionais da Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão, desde os profissionais da limpeza, que mantiveram as salas limpas para que pudéssemos estudar; aos profissionais da biblioteca, que auxiliaram na busca dos livros, e a cada profissional da coordenação dos cursos de graduação e pós-graduação, que colaboraram com orientações e esclarecimentos sobre procedimentos e medidas a serem tomadas durante estes anos de estudos.

E, finalmente, agradeço à amiga Simone do Rosário Leão Felipe, a compreensão e colaboração para que este curso fosse concluído.

Muito obrigada a todos!

*Não se move uma montanha
Por um pálido pedido
De alguém que não se ama
Todo ouro está contigo
Para isso há muita chama
No coração do bandido
Mais uma vez o dia chega
Em minha vida
Como uma chama na selva
O sol na cama da relva
A tua boca e a lua
A minha boca e a tua
Vão deixando pela rua
Palavras e silêncios
Que jamais se encontrarão*

(Palavras e Silêncio)

Zeca Baleiro e Fausto Nilo

RESUMO

A presente monografia, intitulada “A ironia nas canções de Zeca Baleiro”, tem como objetivo analisar a manifestação da ironia em algumas letras de canções do cantor e compositor Zeca Baleiro. Nossa meta é observar como a “ironia” funciona, nas letras das canções escolhidas, para manifestar e expressar críticas ao sistema capitalista, seja por meio da moda, do consumo, ou de outras manifestações do referido sistema econômico. Neste trabalho, pretendemos mostrar que, nas canções de Zeca Baleiro, o sujeito poético também ironiza a si mesmo, o que configura a auto-ironia, que se dá quando o sujeito se auto-ironiza a partir de uma dada situação. Para o desenvolvimento das análises, utilizamos como principais fontes de embasamento teórico as obras “Ironia e o irônico”, do autor D. C. Muecke (1995) e “Pet shop mundo contemporâneo: o nosso tempo através do olhar de Zeca Baleiro” da autora Ana Paula Nascimento de Souza (2007). Constatamos que a ironia é uma característica da poética de Zeca Baleiro, cujo funcionamento serve para que o poeta possa manifestar as suas críticas, de forma explícita, às normas que são estabelecidas pela sociedade e pelo sistema capitalista.

Palavras-chave: Ironia; Canções; Zeca Baleiro.

SUMÁRIO

Introdução	09
Capítulo I	
Ironia	10
Capítulo II	
Apresentação de Zeca Baleiro e análise de algumas das suas canções	18
2.1 – Quem é Zeca Baleiro	18
2.2 – A trajetória de Zeca Baleiro na música	18
2.3 – Análises	19
2.4 – Leitura da canção “O parque de Juraci”	20
2.5 – Leitura da canção “Piercing”	22
2.6 – Leitura da canção “Telegrama”	27
Conclusão	30
Referências bibliográficas	31
Anexos	32

INTRODUÇÃO

A presente monografia, que recebeu o título de “A ironia nas canções de Zeca Baleiro”, foi desenvolvida com a finalidade de analisar a ocorrência da ironia nas canções do cantor e compositor Zeca Baleiro. Para que este estudo fosse realizado, delimitamos como campo de pesquisa as letras das canções, sendo que, por questões metodológicas, não trabalharemos com a dimensão melódica da canção. Escolhemos trabalhar com letras de músicas devido ao constante contato que os seres humanos mantêm com este gênero, visto que a música faz parte da vida de todos os indivíduos e por ser evidente a sua vinculação em quase todas as situações do dia a dia.

Pretendemos analisar, de forma mais específica, a ocorrência da ironia em algumas letras de músicas do cantor e compositor Zeca Baleiro, pois constatamos que a ironia é uma constante nas canções deste cantor, estando presente em várias de suas criações. Zeca Baleiro, em boa parte de sua obra, recorre à ironia para manifestar críticas a temas presentes na sociedade contemporânea, tais como, a busca do indivíduo pela sua identidade e individualidade, a forma como são estabelecidas às relações interpessoais, dentre outras temáticas.

As letras de músicas que iremos analisar são as seguintes: “O parque de Juraci”, do álbum “Por onde andaré Steplen Fry?”, “Piercing”, do álbum “Vô imbolá” e “Telegrama”, do álbum “Pet shop mundo cão”. A escolha dessas canções para análise foi realizada a partir de três álbuns distintos, de épocas diferentes e com propostas também diferentes. Esse foi um dos critérios da seleção. Adotamos, ainda, o critério de serem todas composições autorais de Zeca Baleiro e de manifestarem em suas letras a ironia. Tal fato comprova a hipótese levantada de a ironia ser considerada uma característica da poética de Baleiro.

O desenvolvimento desta monografia foi feito da seguinte forma: no primeiro capítulo, apresentamos o conceito de ironia, tendo como principal obra para embasamento teórico o livro “Ironia e o irônico”, de D.C. Muecke (1995). Também desenvolvemos uma breve explanação sobre o mundo contemporâneo, com o auxílio da obra “Pet shop mundo contemporâneo: o nosso tempo através do olhar de Zeca Baleiro”, da autora Ana Paula Nascimento de Souza (2007). No segundo capítulo discorreremos, de forma abreviada, sobre a vida e a obra do cantor e compositor Zeca Baleiro, e desenvolvemos a análise das três referidas canções. Por fim, apresentamos sob a forma de anexos, a título de conhecimento aos possíveis leitores desta monografia, a discografia de Zeca Baleiro.

CAPÍTULO I

IRONIA

Será apresentado, neste capítulo, um estudo sobre a ironia, com o objetivo de ressaltar sua importância e presença nas relações humanas, nas obras literárias e, mais especificamente, em algumas letras de canções de Zeca Baleiro, objeto deste estudo. Para tanto, vamos discorrer sobre o desenvolvimento do conceito de ironia para, em seguida, procedermos à análise das canções selecionadas.

O conceito de ironia não é fácil de ser definido, pois dependendo do lugar e do momento em que é empregado, e dos estudos empreendidos, o seu significado pode sofrer variações. Os vários conceitos atribuídos ao termo ironia encontrados atualmente resultam da forma como o vocábulo foi usado por diferentes estudiosos, em diferentes lugares, no decorrer dos anos. “O conceito de ironia a qualquer tempo é comparável a um barco ancorado que o vento e a corrente, forças variáveis e constantes, arrastam lentamente para longe de seu ancoradouro” (MUECKE, 1995, p. 22). A partir da discussão desse autor, é possível chegar à conclusão de que é difícil obter um conceito definitivo para o que seja ironia, pois, com a sua evolução e movimentação ao longo da história, o termo sofreu modificações quanto ao uso e aplicação.

Um dos conceitos atribuídos à palavra ironia, que pode ser encontrado pelos leitores do século XXI, é a definição do “Dicionário Miniaurélio” (2005), que define o termo da seguinte maneira: “1. Modo de exprimir-se em que se diz o contrário do que se pensa ou sente. 2. Contraste fortuito que parece um escárnio”. (FERREIRA, 2005, p.491). Outra definição pode ser encontrada no “Dicionário Básico de Filosofia” (1996):

Recurso de expressão que parece indicar o oposto do que se pensa sobre algo. Ex.: elogia-se quando se quer depreciar, chama-se de “grande” algo obviamente pequeno etc.... “Na ironia, o homem anula, na unidade de um mesmo ato, aquilo que coloca, faz crer para não ser acreditado, afirma para negar e nega para afirmar” (SARTRE, *apud*, JAPIASSÚ e MARCONDES, 1996, p. 148).

Como podemos observar, as definições que são atribuídas à palavra ironia, tanto no “Dicionário Miniaurélio” (2005), quanto no “Dicionário Básico de Filosofia” (1996), mantêm certa relação entre si, já que nas duas definições a palavra ironia é classificada como um contraste, uma oposição em relação ao que se pensa ou sente sobre algo ou alguém.

Assim, percebemos que o “ironista” utiliza-se da ironia para dizer de forma contrária o que realmente pensa ou sente sobre algo ou alguém, conforme os exemplos dados nas definições anteriores do “Dicionário Básico de Filosofia” (1996).

A ironia está presente em todos os lugares e na vida das pessoas. Em vários momentos do dia a dia acontecem fatos irônicos, seja nas relações interpessoais ou nas mais variadas atividades, como no trabalho, estudo e lazer, e mesmo através da fala ou das ações dos seres humanos. A ironia também é encontrada nas diferentes formas de textos literários, tais como poemas e narrativas. Também há manifestação da ironia nas letras de músicas, que, dependendo do seu nível de elaboração, também são formas de textos literários.

No tocante às letras musicais, é possível classificá-las como poemas escritos para serem cantados. Existem aquelas que podem ser consideradas como pequenas narrativas em versos, pois narram à história de um determinado personagem, contando a sua vida, suas derrotas, vitórias, seus casos amorosos e sua relação com a família, amigos e as demais pessoas da sua comunidade e os casos amorosos. Há, também, as letras de músicas que incorporam um rigor maior de elaboração e podem tratar dos mais variados temas, tais como a exaltação do amor, da vida, da beleza, da natureza, etc. Além desses elementos, há, ainda, aquelas canções que são utilizadas para fazer denúncias, protestos e críticas sociais. Através delas é possível fazer com que as pessoas se emocionem com a história de um determinado personagem a partir do que é cantado, ou percebam a presença de denúncia ou crítica social inscrita no texto da canção. Assim, muitas letras retratam assuntos polêmicos, e logo possibilitam aos leitores e ouvintes o desenvolvimento de um senso crítico sobre tais temáticas que estão presentes na sociedade.

São várias as canções que incorporam em suas letras o recurso da ironia. Esse uso pode ter como objetivo criticar ou provocar uma reflexão sobre as situações da vida, analisando como as pessoas lidam umas com as outras, com os fatos do cotidiano e com a sociedade. A ironia também é um recurso utilizado pelo ironista para criticar e fazer rir dos sentimentos, do sistema econômico e político da sociedade.

Considerando a significação do que seja ironia, tomamos por objeto de estudo algumas canções do cantor e compositor Zeca Baleiro, a partir das quais pretendemos demonstrar que este, ao adotar o recurso da ironia em suas composições, chama a atenção do ouvinte para questões importantes que acontecem na sociedade e na vida da população. Em suas canções, são feitas críticas ao comportamento humano, ou seja, sobre a forma de vida, como os homens se relacionam uns com os outros, e, também, como forma de denúncia e protesto contra a sociedade e formas de governo.

O sujeito poético das canções de Zeca Baleiro ironiza o comportamento do mundo em que vive para manifestar e expressar as denúncias e revoltas em relação às normas estabelecidas pela sociedade. Tais críticas têm a finalidade de evidenciar aspectos que suscitam debates e discussões na comunidade, tais como consumismo, moda, religião, dentre outros. O eu-lírico das canções também manifesta a ironia sobre si mesmo, o que é chamado de auto-ironia, visto que a sua própria maneira de viver e as relações que estabelece ao seu redor também são representadas por meio da ironia.

Na obra do cantor e compositor Zeca Baleiro, é possível observar a relação entre assuntos sérios do cotidiano com a ironia, uma vez que, em cada álbum, encontramos discussões sobre temas relevantes da sociedade, e, também, sobre o comportamento das pessoas em suas atividades diárias. Baleiro faz críticas, de forma irônica, apoiando-se em situações sérias do cotidiano e nas relações interpessoais.

Dessa forma, podemos constatar que a ironia se faz presente em vários momentos do dia a dia com a finalidade de provocar o riso, a zombaria e, ainda, de criticar, protestar e denunciar. Por isso, os comportamentos dos seres humanos estão submetidos à constante presença da ironia, como é relatado por Muecke (1995), em seu livro “Ironia e o Irônico”:

É como um giroscópio que mantém a vida num curso equilibrado ou reto, restaurando o equilíbrio quando a vida está sendo levada muito a sério ou, como mostram algumas tragédias, não está sendo levada a sério o bastante, estabilizando o instável mas também desestabilizando o excessivamente estável. (MUECKE, 1995, p.19).

A palavra ironia foi, e continua sendo, utilizada por pessoas leigas em relação ao seu significado, com os mais variados sentidos, e em diversas situações do cotidiano, sem preocupação com o conceito que lhe é atribuído. Ao contrário dessas pessoas, estão os estudiosos, que ficaram vários anos em busca de definições para o conceito do termo ironia, e quanto mais avançavam em suas pesquisas, mais aumentavam as interpretações para o significado do vocábulo, devido às conclusões a que chegam com seus estudos.

A palavra ironia surgiu do grego “eironeia”, que significa dissimulação, interrogação dissimulada. Entre os estudiosos que buscavam as definições para esta palavra, está o filósofo Aristóteles que, com o pensamento em Sócrates, define o vocábulo com o sentido de dissimulação autodepreciativa ou jactanciosa. Por isso, diz-se que a ironia é firmada em Sócrates. Vejamos o porquê nas citações a seguir: “Sócrates, nos diálogos de Platão, proferia, com astúcia e estratégia, perguntas tolas não possíveis de serem respondidas pelo interlocutor;

com isso, revestia o seu discurso de um certo caráter de superioridade que a ironia conseguia desmarcar” (NASCIMENTO, 2006, p. 18).

Assim sendo, a configuração da ironia no mundo ocidental tem em Sócrates o seu representante primeiro, dadas as técnicas utilizadas pelo filósofo, em sua maneira de conversar e se posicionar diante das pessoas, o que eleva o diálogo, jogo de perguntas e respostas, à verdadeira categoria da arte. Percebe-se, então, já na ironia socrática, o sentido irônico se esvaindo da mera atitude de zombaria para uma concepção de jogo filosófico em que questões e respostas constituirão o discurso (NASCIMENTO, 2006, p. 18).

Outro filósofo estudioso da palavra ironia foi Cícero. Para ele, a ironia era tida como uma figura de retórica. Também eram diferentes as significações atribuídas à palavra em alguns países, como, por exemplo, na Inglaterra, em que temos a seguinte definição:

Definia-se o termo como algo que “diz uma coisa mas significa outra”, como uma forma de “elogiar a fim de censurar e de censurar a fim de elogiar”, e como um modo de “zombar e escarnecer”. Era também usado para significar dissimulação, mesmo dissimulação não-irônica, subentendidos, e paródia (uma vez ao menos, por Pope). (MUECKE, 1995, p.33).

Esses são alguns exemplos de conceitos que foram atribuídos à palavra ironia a partir dos avanços nos estudos de cada intelectual, e também de acordo com cada país. Mas as atribuições que lhe eram dadas não permaneciam estagnadas, continuando em constante desenvolvimento, adquirindo novos significados em consequência da intensificação dos estudos, bem como do crescimento da utilização do referido vocábulo por pessoas de diferentes países.

Para que haja uma melhor compreensão do significado do termo ironia, existem algumas características que contribuem para sua identificação e classificação, visto que o vocábulo pode ser empregado com mais de um significado. Uma das características que permitem o leitor definir o significado do termo é o contraste existente entre realidade e aparência, ou seja, quando em um enunciado percebemos um discurso contrário ao que aparenta ser. Assim, como diz o ditado popular: “as aparências enganam”. Já apresentamos aqui as definições apresentadas pelo “Dicionário Miniaurélio” (2005) e pelo “Dicionário Básico de Filosofia” (1996), que definem a ironia como o ato de se dizer o contrário do que realmente se pensa, com o objetivo de expressar uma opinião sobre determinado assunto ou sobre alguém.

Outra característica da ironia é o fingimento de que o ironista se vale para ser compreendido. Nessa modalidade de uso da ironia, o significado verdadeiro deve ser

apresentado de forma que ele possa ser entendido. Por outro lado, a ironia pode ser ocultada quando seu significado real não estiver claramente explícito, ou, ainda, pelo fato de não ser rapidamente compreensível. Daí não ser apreendida de imediato.¹

Uma palavra, frase ou mensagem irônica, antes de ser compreendida como irônica pelo ouvinte, apresenta-se sob a forma comum de diálogo. Para que um texto irônico seja interpretado como tal, é feito um “jogo” entre ironista, aquele que faz a ironia, e o ironizado, aquele que recebe a ironia. Este “jogo” acontece na ironia instrumental, pois o ironista apresenta sua mensagem de forma que o receptor deixará de lado o seu significado óbvio para observar e analisar outro significado, que não se encontra tão claramente, e cujo entendimento é contrastante.

A ironia observável é aquela apresentada ao público previamente decodificada, ou seja, quando já foi observada e analisada por outro alguém. Esse tipo de ironia é demonstrada através da ficção, nos filmes, nas pinturas, nos desenhos, nos provérbios e nos ditados populares. Sendo assim, para compreender a ironia observável, não é necessário que o leitor ou o ouvinte faça muito esforço. Mas, para compreender a ironia instrumental, é necessário que o leitor seja mais ativo, porque nesta é o público quem faz as interpretações dos textos.

A essência irônica se mostra para os indivíduos que possuem uma maior capacidade de compreensão das manifestações. Esses indivíduos são aqueles que se sobressaem aos outros devido à ampla experiência de vida, à grande sabedoria de mundo e à capacidade de observar e analisar as coisas ao seu redor, destacando semelhanças e diferenças. E, quanto mais polêmico for este indivíduo, maior capacidade ele terá para desenvolver um olhar irônico sobre os fatos do dia a dia.

Dessa forma, a ironia passa a ser efetivada quando é apresentada para o próprio observador irônico, ou quando o autor a apresenta para os leitores. O sentido da ironia é dado quando da observação de seu contraste, bem como no momento em que é possível incutir na cabeça das pessoas a crítica que se quer transmitir, seja através da capacidade de observar, imaginar e lembrar fatos, momentos e atos do cotidiano que apresentam contrastes irônicos.

Para os indivíduos com uma mente esclarecida, capazes de identificar as polêmicas do mundo, sempre haverá, em qualquer situação, a presença da ironia. E independente de algo

¹ - A título de conhecimento vamos apresentar algumas formas de ironia que Muecke (1995), define em seu livro “Ironia e o irônico”, uma delas é a ironia observável em que se tem a alazonia e o alazon, que são definidos da seguinte forma: “...alazonia como a inconsciência confiante encontrada no ou imputada ao alazon, a vítima da ironia.” (MUECKE, 1995, p. 55). Na ironia observável a alazonia varia em vários aspectos e o alazon, que é a vítima da ironia, pode ser irreflexivo ou confiante, a sua confiança pode ser totalmente explícita ou implícita. Uma outra forma de ironia apresentada por Muecke (1995) é a ironia instrumental, em que ocorre o inverso da ironia observável, pois na ironia instrumental é o ironista que apresenta inconsciência.

ser irônico ou não, é possível que alguém o considere como tal, pois o conhecimento de mundo não é o mesmo para todas as pessoas.²

Para que a ironia aconteça, é necessário que ocorra a produção do efeito máximo a partir dos meios menos extravagantes: o ironista faz uso do mínimo de sinais necessários para demonstrar sua crítica. De forma simples, o ironista provoca e demonstra a mesma.

Outra forma de percepção da ironia pode ser através da disparidade entre o que se espera e o que pode acontecer, pois quanto maior a disparidade, maior será a ironia. Nunca se espera, por exemplo, que um professor de natação possa morrer afogado, mas este é um fato que, apesar de não ser esperado, pode vir a acontecer, e, se ocorrer, será considerado como irônico. A disparidade também pode acontecer em relação a um resultado esperado como, por exemplo, quando se tem a certeza de estar quase conseguindo algo que tanto almejava, mas perde-o no último instante, por um motivo muito simples.

Para que possamos observar a ocorrência da ironia, é necessária a presença da linguagem verbal, pois é a partir desse tipo de linguagem que pautamos as análises de algumas canções do cantor e compositor Zeca Baleiro. Beth Brait (1996), em seu livro “Ironia em perspectiva polifônica”, descreve como a ironia verbal se desenvolve:

A ironia verbal, por sua vez, implica um trio actancial: o locutor (A1) que dirige um certo discurso irônico para um receptor (A2), para caçoar de um terceiro (A3) que é o alvo da ironia. (BRAIT, 1996, p. 62).

Já Muecke (1995), em sua obra “Ironia e o irônico”, diz que há uma técnica básica para as várias formas mais comuns de ironia verbal, que é a seguinte: “... ‘concordar com’ o alvo irônico e colocá-lo em alto relevo ou depreciar-se, que é o método da escariação ou do entalhe”. (MUECKE, 1995, p.78). Deve-se considerar que uma das formas mais comuns de ironia verbal “de alto-relevo” é o elogio antifrástico no lugar da censura, ou seja, quando alguém faz algo considerado pelas demais pessoas como errado, ou quando decepciona os seus companheiros em uma determinada situação, ao invés de ser censurado e ridicularizado, lhe é tecido um elogio, como um simples “muito bem” ou “parabéns”. Nessa situação, acontece uma atitude irônica.

Através do estudo realizado em torno da palavra ironia, na busca por seu significado e por manifestações irônicas, podemos concluir que este vocábulo suscitou e continua despertando a curiosidade de vários estudiosos em todo o mundo, e que o termo ironia não

² - Além da ironia observável e da ironia instrumental o autor do livro “Ironia e o irônico” D. C. Muecke (1995), apresenta, também, a ironia fechada e a aberta ou paradoxal, que se divide em outras classes de ironia que são: trágica, cômica, satírica, absurda ou niilista, paradoxal.

possui um conceito definitivo. Apresentamos aqui o estudo sobre a ironia, que contou com os conhecimentos registrados no livro “Ironia e o irônico” do autor D. C. Muecke (1995), a partir do qual apresentamos alguns tipos de ironia e como elas acontecem, no intuito de contribuir com o desenvolvimento do nosso conhecimento sobre o vocábulo ironia e a compreensão de que ele não possui uma descrição específica, conclusiva. Ele é, pois, um vocábulo maleável.

Como já foi dito anteriormente, o material para análise deste estudo é a canção, que pode ser estudada em seus aspectos não-verbal e verbal, sendo que seu aspecto não-verbal se caracteriza pela parte sonora ou melódica, comandada pelos instrumentos e pelos demais sons. A parte verbal, também chamada de textual ou letra, é aquela em que está presente a criatividade do compositor para expressar os seus sentimentos e para fazer críticas e manifestos. É preciso ressaltar, porém, que é através da fusão entre o não-verbal e verbal, ou seja, entre melodia e letra, que uma canção tem o poder para suscitar os sentimentos e as emoções dos ouvintes, e para, então, ser entendida por eles. “Nunca devemos esquecer que a música é, além da arte de combinar os sons, uma maneira de exprimir-se e interagir com o outro, e assim devemos compreendê-la”. (FERREIRA, 2007, p.17). Ressaltamos mais uma vez que, por questões metodológicas, trabalharemos apenas com a letra das canções, não com a melodia.

Porém, para as análises que nos propomos fazer neste trabalho, torna-se necessário uma explanação sobre o mundo pós-moderno ou contemporâneo, pois, nas canções selecionadas, o autor recorre a temas correlatos, tais como a busca pela identidade, as relações interpessoais, o consumismo e a globalização, característicos deste momento histórico. Esses temas são alvos das críticas irônicas do eu-lírico das canções.

Por isso, neste momento, vamos fazer uma breve explanação sobre o mundo pós-moderno ou contemporâneo, a partir das interpretações que a autora Ana Paula Nascimento de Souza (2007) faz deste período em sua dissertação de mestrado, intitulada “Pet shop mundo contemporâneo: o nosso tempo através do olhar de Zeca Baleiro”. Como se trata de um tema bastante amplo e complexo, recortaremos apenas alguns pontos para discussão.

Na obra de Souza (2007), a contemporaneidade é caracterizada como sendo o momento em que o mundo passa por um grande avanço tecnológico e social, que provocou um enorme vazio existencial nos indivíduos da sociedade pós-moderna. As conquistas tecnológicas e sociais adquiridas por esta sociedade são resultados das superações dos limites através do conhecimento. Mas, apesar deste vasto conhecimento que os seres humanos adquiriram sobre o mundo, contraditoriamente, os homens tornaram-se seres vazios, que não conhecem a si mesmos.

Diante desse avanço tecnológico e social, houve um aumento no consumismo, visto que, de forma acelerada, a moda, os aparelhos eletrônicos, os automóveis e os meios de comunicação tornaram-se mais modernos e sofisticados, de modo a atenderem rapidamente e melhor os indivíduos desta nova sociedade. Dessa forma, a população da sociedade contemporânea vê-se obrigada, principalmente por meio das imposições colocadas pela mídia, a adquirir esses produtos para se adequar e ser socialmente aceita.

Em contraposição ao desenvolvimento do consumo, temos um retrocesso do ser humano, que ficou cada vez mais só. Na sociedade contemporânea, as relações interpessoais passaram a ocorrer de forma ocasional ou à distância, sendo estabelecidas principalmente através dos modernos meios de comunicação, como, por exemplo, o telefone móvel ou celular e a internet, que viabilizam a comunicação em qualquer lugar do mundo. No entanto, esses recursos não são capazes de transmitir um forte aperto de mão, um caloroso abraço e um sincero sorriso, que só são demonstrações de afeto possíveis quando as pessoas encontram-se pessoalmente.

Esses são alguns dos temas em grande destaque na sociedade pós-moderna, mencionados e criticados nas letras das canções do cantor e compositor Zeca Baleiro. O objetivo deste trabalho é analisar a ocorrência da ironia sobre esses assuntos do mundo contemporâneo, pois, como podemos observar no livro “Teoria e política da ironia”, de Linda Hutcheon (2000), a ironia é um tema presente nas diversas situações do cotidiano dos seres humanos, e é foco para estudo em várias áreas. Vejamos:

...esse tópico tem sido abordado por especialistas em áreas tão diversas quanto lingüística e ciências políticas, sociologia e história, estética e religião, filosofia e retórica, psicologia e antropologia. A ironia tem sido sempre localizada e estudada em literatura, artes visuais, música, dança, teatro, exposições de museu, conversas e argumentação filosófica, e essa lista pode crescer muito mais. (HUTCHEON, 2000, p. 15).

Portanto, no presente estudo, pretendemos analisar a presença da ironia nas composições do cantor Zeca Baleiro. A ironia será demonstrada por meio das definições e conceitos, e demonstrada através de contrastes e oposições, bem como por meio da análise dos dizeres de coisas diferentes, do que se pensa ou sente, sobre alguma coisa ou sobre alguém. Também iremos analisar a presença da ironia em temas que ganharam maior destaque com o desenvolvimento da sociedade moderna e pós-moderna como, por exemplo, o consumismo, as relações interpessoais, e a individualidade, dentre outros.

CAPÍTULO II

APRESENTAÇÃO DE ZECA BALEIRO E ANÁLISE DE ALGUMAS DAS SUAS

CANÇÕES

Antes de passarmos para a análise da ironia nas letras das canções do cantor e compositor, faremos uma pequena exposição sobre a biografia de Zeca Baleiro, ressaltando sua trajetória na Música Popular Brasileira.

2.1 – QUEM É ZECA BALEIRO?

Zeca Baleiro é o nome artístico de José Ribamar Coelho Santos, nascido no dia 11 de abril de 1966, na cidade de São Luís no Maranhão. Desde pequeno era conhecido como Zeca, e posteriormente passou a ser chamado de Baleiro, apelido dado pelos colegas de faculdade porque gostava muito de balas e sempre as tinha para saborear. O apelido acabou tornando-se parte do seu nome artístico. Zeca Baleiro é cantor, compositor e produtor musical.

2.2 – A TRAJETÓRIA DE ZECA BALEIRO NA MÚSICA

Zeca Baleiro estreou no mundo da música em 1984, cantando uma de suas primeiras composições, “Sem pé nem cabeça”, em um programa da rádio maranhense Mirante FM. Dois anos depois, tornou-se conhecido por defender a música “Querubim”, no II Festival Universitário de Música da Universidade do Maranhão, conquistando o primeiro lugar com a referida canção.

Seu primeiro show foi realizado em 1987 e chamou-se “Urubu Guarani – As sete faces da canção”. Nesse show estavam presentes vários convidados. No ano de 1988, o cantor participou do Festival de Música Popular Maranhense, onde cantou as músicas “Noves fora” e “Canção para inglês ver nº 2”. A segunda música foi a ganhadora do prêmio Aclamação Popular.

Em 1990, o cantor Zeca Baleiro, durante um de seus shows, começou a manifestar as suas críticas ao governo Collor, que então se iniciava. Este fato rendeu notícia e fez ecoar o nome do cantor e compositor. Um ano depois, ele se transferiu para São Paulo com o objetivo de promover a sua carreira na capital.

Após dois anos em São Paulo, Zeca Baleiro retornou à sua cidade natal, aos shows e às participações em festivais. Com a ajuda de sua amiga Rossana Decelso, que atuava de modo a divulgar seus shows, Zeca passou a se apresentar frequentemente em Belo Horizonte e em São Paulo.

A gravação do seu primeiro disco teve início na metade da década de 1990, mas foi interrompida devido à falta de dinheiro para custear os gastos. Então, novamente, Baleiro recebe a ajuda de sua amiga Rossana, que envia fitas demo e a release do artista às gravadoras do Rio de Janeiro. Todas as gravadoras demonstram interesse pelo trabalho de Zeca, e ele, então, realizou um show no Hipódromo Up, que era uma casa de show disputada por artistas independentes. Este show rendeu um contrato com a gravadora MZA Music e, em 1997, o cantor conseguiu lançar o seu primeiro disco, intitulado “Por onde andará Stephen Fry?”. Porém, foi com a sua participação no Acústico MTV da cantora Gal Costa com a canção “A flor da pele”, que o cantor Zeca Baleiro iniciou sua ascensão nacional, que impulsionaria o sucesso vindouro.

Zeca Baleiro gravou nove discos e fez várias participações em trilhas sonoras de telenovelas, em diversos canais de televisão, como Globo, Bandeirantes e Record, com as seguintes canções: “Bandeira”, na novela “Por amor”, “A flor da pele”, na novela “Serras azuis”, “Heavy metal do Senhor”, na novela “Era uma vez...”, “Quase nada”, na novela “Estrela-guia”, “Samba do approach”, na novela “Da cor do pecado”, “Palavras e Silêncio”, na novela “Prova de amor”, “Balada do céu negro”, na novela “Bang Bang” e a canção “Você é má”, na novela “Ribeirão do tempo”.

No ano de 2005, o cantor Zeca Baleiro criou o seu próprio selo, que se chama Saravá Discos. Zeca é um artista versátil, conhecido pela forma poética como aborda assuntos diversos em suas composições. Às vezes, seu trabalho exige algum conhecimento do ouvinte para compreensão de suas composições musicais. A sua música deriva de muitos ritmos tradicionais brasileiros, tais como, o samba, pagode, baião com elementos rock, pop e música eletrônica. Zeca Baleiro também possui um modo muito particular de tocar violão. Zeca tem vários parceiros na música e alguns deles são Fagner e Chico César, músicos que o cantor conheceu nos primeiros anos da sua carreira. Ele também é o compositor de canções gravadas por muitos outros cantores da Música Popular Brasileira.

2.3 – ANÁLISES

Neste momento da pesquisa serão feitas as análises de três canções do cantor e compositor Zeca Baleiro, verificando a ocorrência da ironia em suas letras. Como embasamento teórico, recorreremos ao estudo sobre ironia e o mundo contemporâneo, desenvolvido no capítulo I.

As letras das canções que serão analisadas são as seguintes: “O parque de Juraci”, do álbum “Por onde andaré Stephen Fry?”; “Piercing”, do álbum “Vô imbolá” e a canção “Telegrama”, do álbum “Pet shop mundo cão”.

2.4 – LEITURA DA CANÇÃO “O PARQUE DE JURACI”

Vamos começar a análise com a canção “O parque de Juraci”, do álbum “Por onde andaré Stephen Fry?”, do ano de 1997:

O parque de Juraci

juraci me convidou preu ir
 num parque mais ela lá em birigui
 e eu vesti o meu terninho engomado
 alisado alinhado pra brincar com juraci
 já no caminho eu comi um churrasquinho de charque
 e um suco de sapoti
 e foi ficando divertido pra caramba
 juraci dançando samba
 enquanto eu lia o guarani

mas já chegando
 eu tive o maior susto
 e tentei a todo custo
 então crer no que vi
 no lugar do parque
 um self-service por quilo
 fiquei puto com aquilo
 e perguntei pra juraci

juraci que parque
 juraci que parque juraci
 que parque é esse que eu nunca vi
 juraci que parque
 juraci que parque juraci
 quebrei o pau fiquei de mal com juraci
 juraci que parque
 juraci que parque juraci
 que parque é esse que eu nunca vi
 juraci que parque
 juraci que parque juraci
 (juro por deus que odiei a juraci)

(Zeca Baleiro)

Ao lermos a história das personagens da música “O parque de Juraci”, logo nos lembramos do filme “Jurassic Park – O parque dos dinossauros”, do diretor Steven Spielberg. A lembrança se dá principalmente em decorrência da repetição dos versos “juraci que parque / juraci que parque juraci”, que, ao serem cantados várias vezes, nos dão a impressão de ouvirmos o título do filme de Spielberg, e não a pergunta feita pelo sujeito da canção, ou seja, “juraci que parque”. Mas, se observarmos a letra da canção sob a perspectiva de uma análise crítica do elemento ironia, deparamo-nos com as manifestações do autor sobre o sistema capitalista de consumo e com uma crítica explícita ao consumismo desenfreado dos gêneros alimentícios.

A letra da música narra a história de dois personagens: o eu-lírico da canção e Juraci. A relação que há entre os personagens não é mencionada de forma clara na canção, então, não podemos dizer que eles são amigos, namorados ou que possuem qualquer outro tipo de relação. O que fica explícito, a partir dos versos “juraci dançando samba / enquanto eu lia o guarani”, é uma diferença cultural que existe entre os dois personagens.

Eles saem para um passeio no parque em Birigui, município brasileiro do estado de São Paulo, “num parque mais era lá em birigui”. No trajeto até o parque, é mencionado o lanchinho que um dos personagens faz antes de chegar, “já no caminho eu comi um churrasquinho de charque / e um suco de sapoti”, o que demonstra a fácil acessibilidade à comida.

Quando os personagens chegam ao parque, “mas já chegando / eu tive o maior susto / e tentei a todo custo / então crer no que vi”, para a surpresa do eu-lírico, ao invés de um parque para o lazer e diversão, ele se depara com um self-service por quilo: “no lugar do parque / um self-service por quilo”. Neste momento, temos na canção o ápice da crítica irônica ao sistema capitalista de consumo, que contribui para a transformação dos ambientes e das atividades humanas em meios para a aquisição do dinheiro. Nesta canção, é exemplificada uma das formas para a obtenção do lucro, que transformam parques públicos em espaço de comércio - o self-service.

Ao falar sobre o self-service, relembremos novamente do filme “Jurassic Park – O parque dos dinossauros”, que relata a história de paleontólogos em visita a um parque temático com dinossauros ressuscitados por clonagem, o que ainda se encontrava em fase de testes. Porém, um funcionário traidor desliga o sistema de segurança do parque, deixando os dinossauros livres para transformar o parque em um caos. Podemos, então, fazer uma comparação entre a música “O parque de Juraci” e o filme “Jurassic Park – O parque dos dinossauros”, acima resumido, ao constatar que, no filme, os dinossauros transformaram o

parque em um restaurante self-service de seres humanos, devido aos ataques às pessoas que estavam no parque, passeando ou fazendo estudos sobre estes seres pré-históricos.

Nesse contexto da letra da canção, Baleiro faz uma crítica explícita, através da ironia, à extrema falta de apoio dos empresários e das políticas públicas voltadas para a manutenção de espaços públicos para o lazer. Trata-se de uma ironia direcionada ao sistema capitalista, que se apossa de áreas públicas e as transformam em espaços privados, com o objetivo de promover a lucratividade.

Nessa canção, ao misturar os ritmos “tecno” com o “xaxado”, Baleiro estabelece, também, uma ponte entre uma cultura tradicional, representada pelo ritmo musical e da dança nordestina (o xaxado), com a cultura contemporânea, associada à música tecno, surgida nos Estados Unidos a partir de influências alemãs. Por isso, Baleiro, no início da canção, vale-se da expressão “tecno-xaxado” e a dedica, dentre outros, a Genival Lacerda, parceiro musical na canção. Ambos os cantores estão vinculados a segmentos musicais diferentes. Baleiro liga-se, cronologicamente, a nova geração musical da MPB; Genival Lacerda, por sua vez, é representante da tradição do forró nordestino. Esses elementos reiteram o que discutimos anteriormente, sobre as misturas de ritmos e a diversidade musical presente na obra de Zeca Baleiro, principalmente, pela capacidade de articulação com temas variados.

Além dos ritmos musicais representantes da cultura tradicional popular e da cultura eletrônica, podemos reiterar o que foi dito anteriormente, quando fizemos referência aos termos “parque” e “self-service” como pertencentes a segmentos sociais diferenciados. Ou seja, o primeiro representa as formas de lazer e o segundo os costumes contemporâneos (fast food).

Assim, por meio de uma linguagem coloquial e demais recursos sonoros, Baleiro usa de vários recursos para contrapor o tradicional e contemporâneo.

2.5 – LEITURA DA CANÇÃO “PIERCING”

A seguir vamos analisar a letra da música “Piercing”, do álbum “Vô imbolá”, do ano de 1999:

Piercing

tire o seu piercing do caminho
que eu quero passar com a minha dor

pra elevar minhas idéias não preciso de incenso
eu existo porque penso

tenso por isso insisto
 são sete as chagas de cristo
 são muitos os meus pecados
 satanáas condecorado
 na tv tem um programa
 nunca mais a velha chama
 nunca mais o céu do lado
 disneylândia eldorado
 vamos nós dançar na lama

bye bye adeus gene kelly
 como santo me revele
 como sinto como passo
 carne viva atrás da pele
 aqui vive-se à mingua
 não tenho papas na língua
 não trago padres na alma
 minha pátria é minha íngua
 me conheço como a palma
 da platéia calorosa
 eu vi o calo na rosa
 eu vi a ferida aberta
 eu tenho a palavra certa
 pra doutor não reclamar
 mas a minha mente boquiaberta
 precisa mesmo deserta
 aprender aprender a soletrar

não me diga que me ama
 não me queira não me afague
 sentimento pegue e pague
 emoção compre em tablete
 mastigue como chiclete
 jogue fora na sarjeta
 compre um lote do futuro
 cheque para trinta dias
 nosso plano de seguro
 cobre a sua carência
 eu perdi o paraíso
 mas ganhei inteligência
 demência felicidade
 propriedade privada
 não se prive não se prove
 dont't tell me peace and love
 tome logo um engov pra curar sua ressaca
 da modernidade essa armadilha
 matilha de cães raivosos e assustados
 o presente não devolve o troco do passado
 sofrimento não é amargura
 tristeza não é pecado
 lugar de ser feliz não é supermercado

o inferno é escuro
 não tem água encanada
 não tem porta não tem muro
 não tem porteiro na entrada
 e o céu será divino
 confortável condomínio
 com anjos cantando hosanas

nas alturas nas alturas
 onde tudo é nobre
 e tudo tem nome
 onde os cães só latem
 pra enxotar a fome
 todo mundo quer quer
 quer subir na vida
 se subir ladeira espere a descida
 se na hora "h" o elevador parar
 no vigésimo quinto andar
 der aquele enguiço
 sempre vai haver uma escada de serviço

todo mundo sabe tudo todo mundo fala
 mas a língua do mudo ninguém quer estudá-la
 quem não quer suar camisa não carrega mala
 revólver que ninguém usa não dispara bala
 casa grande faz fuxico quem leva fama é a senzala
 pra chegar na minha cama tem que passar pela sala
 quem não sabe dá bandeira quem sabe que sabia cala
 liga aí porta-bandeira não é mestre-sala
 e não se fala mais nisso mas nisso não se fala

(Zeca Baleiro)

Na canção acima, o compositor, através do sujeito que enuncia, manifesta a sua crítica, de forma irônica, às crenças e costumes dos religiosos brasileiros como, por exemplo, os católicos, os evangélicos e os espíritas.

Zeca Baleiro inicia a segunda estrofe da canção com o seguinte verso: “pra elevar as minhas idéias não preciso de incenso”. Esta é a primeira referência que podemos retirar da letra da canção para dizer que o eu-lírico manifesta a sua crítica de forma irônica às religiões brasileiras, pois o incenso é um produto utilizado pelos católicos, umbandistas e por outras religiões, com a finalidade de purificar o ambiente e de afastar os maus fluídos que podem ser entendidos, ainda, como maus espíritos ou maus pensamentos, criando um clima propício para estabelecer contatos com as divindades espirituais.

Podemos observar a reafirmação da crítica irônica do eu-lírico às práticas e costumes religiosos nos seguintes versos: “eu existo porque penso / tenso por isso insisto”. O sujeito da canção não atribui ao incenso à elevação das suas idéias, e afirma que a razão da sua existência deve-se à sua capacidade de poder pensar, sentir e insistir, sem a interferência de produtos que busquem o auxílio de forças superiores. As religiões, ao contrário, pregam que a existência, os pensamentos e todas as conquistas e derrotas dos seres humanos são observadas e concedidas por um ser superior, graças à Divindade.

Nos versos: “são sete as chagas de cristo / são muitos os meus pecados”, o eu-lírico crítica e ironiza alguns ensinamentos proferidos nos templos das igrejas católicas, a começar

pelo conceito de pecado, que, de forma geral, é apontado como tudo aquilo que fere a santidade divinal.

Ainda sobre os versos acima citados, percebemos a manifestação, de forma explícita, da crítica irônica do eu-lírico às crenças da igreja católica, que prega em seus sermões a existência de sete pecados capitais, a mesma quantidade das chagas de Jesus Cristo. Porém, os pecados cometidos pela humanidade são extremamente superiores ao número das chagas de Jesus Cristo e dos setes pecados capitais, pregados pela igreja católica.

Nos versos: “satanás condecorado / na tv tem um programa”, a crítica é feita em relação à proliferação de igrejas, o que, conseqüentemente, acelera o número de programas religiosos nos meios de comunicação, ou seja, na televisão, rádio e internet. A crítica do eu-lírico também faz referência às igrejas que enfatizam a figura de Satanás como o responsável por todos os males da humanidade. Sobre este fato, o eu-lírico da canção manifesta a sua ironia, pois o Diabo é muito falado dentro das igrejas, o que pode ser entendido como uma estratégia dos líderes religiosos para manipular os fiéis e para atrair o público através do medo. Nesse sentido, muitas vezes, as igrejas parecem que cultuam o Diabo e não a Deus. Por isto, a letra da canção apresenta uma ironia quando o eu-lírico diz que Satanás tem um programa na TV.

Em alguns versos da terceira estrofe percebemos que o eu-lírico continua a manifestar críticas às religiões por meio da ironia, demonstrando ter autoridade no que fala e pensa, como observamos nos seguintes versos: “não tenho papas na língua / não trago padres na alma / eu tenho a palavra certa / pra doutor não reclamar”.

Na quarta estrofe da canção, a partir dos seguintes versos: “não me diga que me ama / não me queira não me afague”, percebemos que o eu-lírico manifesta as suas críticas à forma como é pregada a palavra de Deus, transmitida aos fiéis pelos líderes religiosos: os padres e pastores. O que o eu-lírico quer ironizar é o fato de muitos líderes religiosos falarem para os fiéis aquilo que estes querem ouvir, como uma forma de conquistar os ouvintes.

Ainda observando os versos citados anteriormente, podemos perceber a profundidade da crítica irônica do eu-lírico aos valores e sentimentos pregados, como, por exemplo, o amor, que é demonstrado a partir do interesse naquilo que o fiel pode dar em troca, como os dízimos e as ofertas, assemelhando-se à compra de qualquer mercadoria: “sentimento pegue e pague / emoção compre em tablete”.

Na sequência da quarta estrofe, a crítica irônica também é feita à teologia da prosperidade, que prega a conquista material. Essa crítica nos leva a relembrar a venda de indulgências e a corrupção do clero nos tempos medievais, que podem ser entendidos como a

venda de pedaços no céu. A modernidade capitalista chegou aos templos das igrejas, mas com antigas práticas: as igrejas se parecem com mercados, onde se pode comprar perdão, bênçãos e a salvação.

Na quinta estrofe, o eu-lírico estabelece uma comparação entre o céu e o inferno, através da ironia e da forma como diferencia os dois: ir para o céu ou para o inferno deixa de ser uma opção e passa a ser uma imposição. Afinal, quem não gostaria de morar em um lindo lugar, onde não há ódio, falsidade, dor, tristeza, sem classes sociais e desigualdade social? Este lugar é o céu, totalmente oposto ao inferno, que é o caos.

Ainda, sobre os versos da quinta estrofe, em que o eu-lírico aponta as diferenças entre o céu e o inferno, podemos fazer uma comparação entre as classes sociais economicamente privilegiadas e desprivilegiadas. A primeira representa o céu, onde tudo é lindo e maravilhoso: “e o céu será divino / confortável condomínio / com anjos cantando hosanas / nas alturas nas alturas / onde tudo é nobre / e tudo tem nome / onde os cães só latem / pra enxotar a fome”. A segunda, por sua vez, corresponde ao inferno, onde são demonstradas as necessidades que representam à miséria humana aqui na terra: “o inferno é escuro / não tem água encanada / não tem porta não tem muro / não tem porteiro na entrada”.

Nos versos finais desta mesma estrofe, em que se lê: “todo mundo quer quer / quer subir na vida / se subir ladeira espere a descida / se na hora “h” o elevador parar / no vigésimo quinto andar / der aquele enguiço / sempre vai haver uma escada de serviço”, é representado através dos versos poéticos o desejo que todos os seres humanos almejam - o de adquirir condições financeiras que lhes possam garantir uma vida mais confortável e para suprir os seus anseios de consumo. Também é possível analisarmos estes versos com uma visão religiosa, entendendo que de forma irônica o eu-lírico desta canção quer expressar o desejo e a busca dos seres humanos, principalmente dos religiosos, em ir para o céu, desfrutar das gloriosas bênçãos celestiais para toda a eternidade.

Na última estrofe, podemos perceber as conclusões do eu-lírico sobre as religiões brasileiras, que se resumem em dois caminhos: bem ou mal – céu ou inferno. Se optarmos pelo bem, iremos para o céu desfrutar dos benefícios; mas se escolhermos o mal, o nosso destino será o inferno, onde iremos amargar as duras consequências. O que o eu-lírico quer ironizar, nesta estrofe, é que todos sabem que as escolhas possuem consequências, boas ou ruins. Contudo, ninguém quer assumi-las, e, por isso, tomam as posições que lhes garantem as melhores condições durante as suas vidas.

2.6 – LEITURA DA CANÇÃO “TELEGRAMA”

Por último, vamos analisar a letra da música “Telegrama”, do álbum “Pet shop mundo cão”, do ano de 2002:

Telegrama

eu tava triste trstinho
mais sem graça que a top model magrela
na passarela
eu tava só sozinho
mais solitário que um paulistano
que um canastrão na hora que cai o pano
tava mais bobo que banda de rock
que um palhaço do circo vostok

mas ontem eu recebi um telegrama
era você de aracaju ou do alabama
dizendo nego sinta-se feliz
porque no mundo tem alguém que diz
que muito te ama que tanto te ama
que muito (muito) te ama que tanto te ama

por isso hoje eu acordei
com uma vontade danada
de mandar flores ao delegado
de bater na porta do vizinho
e desejar bom dia
de beijar o português da padaria
oh mama oh mama oh mama
quero ser seu
quero ser seu
quero ser seu papa

eu tava triste trstinho
mais sem graça que a top model magrela
na passarela
eu tava só sozinho
mais solitário que um paulistano
que um vilão de filme mexicano
tava mais bobo que banda de rock
que um palhaço do circo vostok

mas ontem eu recebi um telegrama
era você de aracaju ou do alabama
dizendo nego sinta-se feliz
porque no mundo tem alguém que diz
que muito te ama que tanto te ama
que muito te ama que tanto (tanto) te ama

por isso hoje eu acordei
com uma vontade danada
de mandar flores ao delegado
de bater na porta do vizinho
e desejar bom dia
de beijar o português da padaria
oh mama oh mama oh mama

quero ser seu
 quero ser seu
 quero ser seu papa

(mê dê a mão vamos sair pra ver o sol...)

(Zeca Baleiro)

Ao lermos a letra da música “Telegrama”, é possível constatar que se trata de uma auto-ironia, ou seja, nesta canção o eu-lírico ironiza a si mesmo, visto que nas estrofes da canção ele demonstra o seu próprio estado de espírito sentimental: tristeza, solidão, bobeira. Ele se compara a personagens da vida real, como a top model magrela, o paulistano, o canastrão, a banda de rock, o palhaço e o vilão de filme mexicano, que transmitem esses mesmos sentimentos para o público.

A partir dessas comparações feitas pelo autor da música, podemos observar vários aspectos irônicos que estão presentes em nossa sociedade capitalista e pós-moderna, tais como: estereótipos, identidade, subjetividade, cidadão cosmopolita e urbanização.

A top model é um exemplo de estereótipo criado para representar um ideal de beleza na sociedade capitalista e pós-moderna em que vivemos, onde o padrão é a magreza e o estar sempre na moda. Esta é a “ditadura da beleza” imposta pela mídia através dos meios de comunicação para que a sociedade capitalista manifesta o seu interesse: a reprodução do capital com a venda de cosméticos, roupas, calçados, acessórios e etc.

Através destas considerações é possível dizer que o autor da canção ironiza a si mesmo e também àquelas pessoas que estão sempre preocupadas em manterem uma determinada aparência, esquecendo de si mesmas. Ao seguirem as normas estabelecidas pela sociedade como sendo “o certo”, acabam anulando a sua própria identidade. Sendo assim, tornam-se tristes, já que deixam de ser elas mesmas para tornarem-se um estereótipo de beleza imposto pela sociedade.

O sentimento de solidão que o eu-lírico demonstra ter também é um aspecto irônico que o autor da canção crítica em nossa sociedade. Mesmo estando em uma grande metrópole, rodeado por milhões de pessoas, como pode um ser humano se sentir sozinho em uma das maiores cidades da América Latina, no coração do Brasil? Essa selva de tijolos e cimentos, criada pela rápida urbanização e pela acelerada reorganização do espaço urbano, gera um novo indivíduo que poderíamos chamar de o solitário em meio à multidão, o que é muito irônico.

Quando o autor fala do canastrão, que neste contexto pode ser entendido como um ator, e também cita o artista do rock e do circo, a ironia se volta mais uma vez para a questão da identidade, pois, com o desenvolvimento da sociedade, muitas vezes às pessoas são submetidas a passar por transformações, criando a necessidade de se adaptarem as situações impostas pelo avanço da mesma. Por isso, é criado pela sociedade capitalista e consumista o indivíduo cosmopolita, que é aquele cidadão que se sente patriota em qualquer lugar e que é capaz de dar lucros a esta sociedade pós-moderna. Isso é muito bom para a sociedade capitalista em que vivemos, mas para muitos indivíduos esta forma de vida não trás felicidade e realização pessoal.

Na segunda estrofe da canção, porém, o eu-lírico demonstra ter superado o seu estado de solidão e sofrimento após ter recebido um telegrama: “mas ontem eu recebi um telegrama”, de uma pessoa que parece demonstra através do seu telegrama carinho e afeto pelo eu-lírico, “era você de aracaju ou do alabama / dizendo nego sintá-se feliz / porque no mundo tem alguém que diz / que muito te ama que tanto te ama / que muito (muito) te ama que tanto te ama”. Isto nos remete aos modernos meios de comunicação criados por esta sociedade capitalista e pós-moderna, meios esses que demonstram um suposto interesse pela afetividade entre os seres humanos, mas que também ironizam com os nossos sentimentos.

E, devido às manifestações de amor, afeto e carinho, os cidadãos desta sociedade se sentem auto-suficientes e são capazes de demonstrar carinho a outras pessoas, bem como de fazerem coisas que normalmente não fariam como é narrado na terceira estrofe: “por isso hoje eu acordei / com uma vontade danada / de mandar flores ao delegado / de bater na porta do vizinho / e desejar bom dia / de beijar o português da padaria”.

CONCLUSÃO

A partir deste estudo realizado sobre a ocorrência da ironia nas composições do cantor Zeca Baleiro, foi possível percebermos que, em cada um dos seus álbuns estudados, independente do ano em que foram gravados, o artista trata de temas relevantes à sociedade pós-moderna ou contemporânea, tais como: a busca do indivíduo pela sua identidade, individualidade, como são estabelecidas as relações interpessoais e o crescente desenvolvimento do sistema capitalista. Estes temas são constantes na obra do cantor e compositor Zeca Baleiro, bem como na vida de cada cidadão da sociedade contemporânea, como mostramos nas análises feitas em três letras de músicas deste cantor.

É necessário ressaltar, ainda, que as leituras realizadas constituem um modo particular de interpretar estas composições, a partir da conceituação de ironia e das definições do mundo contemporâneo. Portanto, é possível que outras leituras sejam feitas das mesmas letras, e, também, que outra visão do artista seja concebida. Vale apontar, ainda, que o artista possui diversas outras canções que podem ser analisadas considerando a ironia e a contemporaneidade, o que pode remeter a um novo estudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BRAIT, Beth. **Ironia em perspectiva polifônica**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio: o dicionário da língua portuguesa**. 6ª ed. Curitiba: Editora Positivo, 2005.

FERREIRA, Martins. **Como usar a música na sala de aula**. 7ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

HUTCHEON, Linda. **Teoria e política da ironia**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

JAPIASSÚ, Hilton. MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. 3ª ed. Rio de Janeiro: 1996.

MUECKE, D. C. **Ironia e o irônico**. Editora Perspectiva. São Paulo. 1995.

NASCIMENTO, Lidiane Alves do. **“Se rio de mim, me levem a sério”**: A ironia poética de Paulo Leminski. 2006. 130 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística)-Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2006.

SOUZA, Ana Paula Nascimento de. **Pet shop mundo contemporâneo: o nosso tempo através do olhar de Zeca Baleiro**. 2007. 130 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Literatura (Literatura Comparada))-Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

<http://www.ccvteam.com/forum/showthread.php?8616-Zeca-Baleiro-Discografia-Completa>. Acessado em: 02/08/2010.

<http://www.lastfm.com.br/music/Zeca+Baleiro/+albums?order=date>. Acessado em: 02/08/2010.

<http://www.muitamusica.com.br/991-zeca-baleiro/biografia/>. Acessado em: 02/08/2010.

<http://www2.uol.com.br/zecabaleiro/>. Acessado em: 02/09/2010.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Zeca_Baleiro. Acessado em: 04/08/2010.

<http://vicioauditivo.blogspot.com/2008/02/discografia-zeca-baleiro.html>. Acessado em: 04/08/2010.

ANEXOS

A DISCOGRAFIA DE ZECA BALEIRO:

Seguem abaixo a título de conhecimento uma apresentação dos álbuns autorais de Zeca Baleiro seguidos dos nomes das músicas que contem em cada um.

Álbum: Por Onde Andará Stephen Fry? – 1997



Músicas:

1. Heavy Metal do Senhor (Zeca Baleiro)
2. Bandeira (Zeca Baleiro)
3. Mamãe Oxum (Domínio Público)
4. Salão de Beleza (Zeca Baleiro)
5. Flor da Pele (Zeca Baleiro)
6. Essas Emoções (Donato Alves)
7. Stephen Fry (Zeca Baleiro)
8. O Parque de Juraci (Zeca Baleiro)
9. Pedra de Resposta (Zeca Baleiro e Chico César)
10. Kid Vinil (Zeca Baleiro)
11. Skap (Zeca Baleiro)
12. Dodói (Zeca Baleiro)
13. Heavy Metal do Senhor – vinheta (Zeca Baleiro)

Álbum: Vô Imbolá – 1999



Músicas:

1. Vô Imbolá (Zeca Baleiro)
2. Pagode Russo (Luiz Gonzaga e João Silva)
3. meu Amor Meu Bem Me Ame (Zeca Baleiro)
4. Lenha (Zeca Baleiro)
5. Semba (Zeca Baleiro)
6. Bienal (Zeca Baleiro)
7. Nega Tu Dá no Couro (Zeca Baleiro)
8. Piercing (Zeca Baleiro)
9. Tem que Acontecer (Sérgio Sampaio)
10. Boi de haxixe (Zeca Baleiro)
11. Disritmia (Martinho da Vila)
12. Não Tenho Tempo (Zeca Baleiro)
13. Samba do Approach (Zeca Baleiro)
14. Maldição (Zeca Baleiro)

Álbum: Líricas – 2000



Músicas:

1. Minha Casa (Zeca Baleiro)
2. Comigo (Zeca Baleiro)
3. Proibida pra Mim (Chorão, Marcão, Champignon, Thiago e Pelado)
4. Babylon (Zeca Baleiro)
5. Balada para Giorgio Armani (Zeca Baleiro)
6. Boi (Zeca Baleiro)
7. Nalgum Lugar (Poema de E. E. Cummings; Tradução: Augusto de Campos; música: Zeca Baleiro)
8. Quase Nada (Zeca Baleiro e Alice Ruiz)
9. Você só Pensa em Grana (Zeca Baleiro)
10. Banguela (Zeca Baleiro)
11. Blues do Elevador (Zeca Baleiro)
12. Bigitte Bardor (Zeca Baleiro)

Álbum: Pet Shop Mundo Cão – 2002



Músicas:

1. Minha Tribo Sou Eu (Zeca Baleiro)
2. Eu Despedi o Meu Patrão (Zeca Baleiro e Capinan)
3. O Hacker (Zeca Baleiro)
4. Telegrama (Zeca Baleiro)
5. Mundo dos Negócios (Zeca Baleiro)
6. Guru da Galera (Zeca Baleiro e Fernando Abreu)
7. Drumembêis (Zeca Baleiro)
8. Um filho e Um Cachorro (Zeca Baleiro)
9. Fiz Esta Canção (Zeca Baleiro e Mathilda Kovak)

10. As meninas dos Jardins (Zeca Baleiro)
11. Mundo Cão (Zeca Baleiro e Sérgio Natureza)
12. Filho de Véia (Luiz Américo e Braguinha)
13. A Serpente (Zeca Baleiro, Ramiro Musotto e Celso Borges)
14. Meu Nome é Nelson Rodrigues (Zeca Baleiro e Érico Theobaldo)

Álbum: Perfil – 2003



Músicas:

1. Telegrama
2. Proibida pra Mim (Grazon)
3. Bandeira
4. Salão de Beleza
5. Vapor Barato / Flo da Pele (Pout-Pourri, Participação de Gal Costa)
6. Meu Amor Meu Bem Me Ame (Participação de Gal Costa)
7. Lenha
8. Mamãe Oxum (Participação de Chico César)
9. Piercing (Participação de Faces do Subúrbio)
10. Babylon
11. Samba do Approach (Participação de Zeca Pagodinho)
12. Quase Nada
13. Bienal (Participação de Zé Ramalho)
14. Heavy Metal do Senhor
15. Bicho de Sete Cabeças II (Faixa-Bônus)

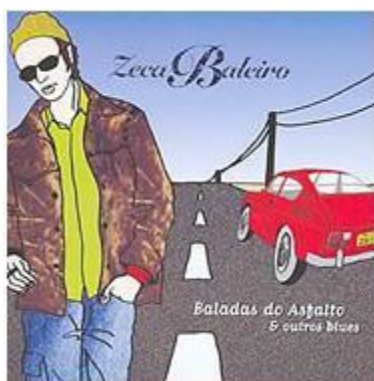
Álbum: Raimundo Fagner e Zeca Baleiro – 2003



Músicas:

1. Canhotoeiro (Fagner, Zeca Baleiro e Fausto Nilo)
2. Balada de Agosto (Fagner e Zeca Baleiro)
3. Um Real de Amor (Fagner e Brandão)
4. Palavras e Silêncios (Zeca Baleiro e Fausto Nilo)
5. Três Irmãos (Canção, Tradução: Franc, Século XVI – Fausto Nilo)
6. Dezembro (Fagner, Zeca Baleiro e Fausto Nilo)
7. Hotel à Beira-Mar (Fagner e Zeca Baleiro)
8. Azulejo (Fagner, Zeca Baleiro e Sérgio Natureza)
9. Serenata Sem Estrelas (Fagner e Zeca Baleiro)
10. Daqui pra Lá, De Lá pra Cá (Fagner, Zeca Baleiro e Torquato)
11. Cantor de Bolero (Fagner, Zeca Baleiro e Fausto Nilo)

Álbum: Baladas do Asfalto e Outros Blues – 2005

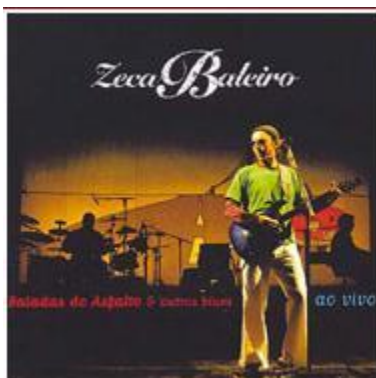


Músicas:

1. Versos Perdidos
2. Balada do Asfalto
3. Cachorro Doido

4. Meu Amor Minha Flor Minha Menina
5. Flores no Asfalto
6. Alma Nova
7. Balada do Céu Negro
8. Mulher Amada
9. Cigarro
10. Muzak
11. Quando Ela Dorme em Minha Casa
12. Amargo
13. O Silêncio

Álbum: Baladas do Asfalto e Outros Blues ao vivo – 2006



Músicas:

1. Versos Perdidos
2. Meu Amor Minha Flor Minha Menina
3. Cachorro Doido
4. Flores no Asfalto
5. Babylon
6. Retalhos de Cetim
7. Telegrama
8. Balada do Céu Negro
9. Palavras
10. Não Adianta
11. Fiz Esta Canção
12. Heavy Metal do Senhor
13. Quase Nada / Amor
14. Alma Nova

Álbum: Lado Z – 2007



Músicas:

1. Eu, Você e a Praça
2. Tristeza Pé no Chão
3. Uma Delicada Forma de Calor (Participação de Lobão)
4. Na Subida do Morro (Participação de Jards Macalé)
5. Das Dores de Oratório
6. Salve a Mulatada... (Participação de Martinho da Vila)
7. Não Tenho Tempo (Participação de Raimundo Fagner)
8. Menino Jesus
9. Da Teresinha e São Luís (Participação de Tião Carvalho)
10. Meu Coração Está de Luto
11. Roda Morta
12. Onde Anda Iolanda (Participação de Rolando Boldrin)
13. Radiografia (Participação de Vanessa Bumagny)
14. Forró no Malagueta (Participação de Furróçacana)
15. Coro das Velhas (Bônus – Participação de Sergio Godinho)

Álbum: O Coração do Homem-Bomba Vol. 1 – 2008



Músicas:

1. O Coração do Homem-Bomba
2. Você Não Liga Pra Mim
3. Alma Não Tem Cor
4. Vai de Madureira
5. Elas Por Elas
6. Aquela Prainha
7. Ela Falou Malandro
8. Você é Má
9. Bola Dividida
10. Aí Beethoven
11. Toca Raul
12. Nega Neguinha
13. Geraldo vandrê

Álbum: O Coração do Homem-Bomba Vol. 02 – 2008



Músicas:

1. Era
2. Tevê
3. Você Se Foi
4. Datena da Raça
5. Débora
6. Na Quitanda
7. Tacape
8. Jesus no Cyber Café do Inferno
9. I'm Nobody
10. Trova ao Cair da Tarde
11. Boi do Dono
12. Como Diria Odair
13. Pastiche
14. Samba de um Janotá Só